

# ESCREVIVÊNCIA E PEDAGOGIA ENGAJADA: MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA-EM-FORMAÇÃO NEGRA E PERIFÉRICA

## WRITING AND ENGAGED PEDAGOGY: MEMORIES OF A BLACK AND PERIPHERAL TEACHER-IN-TRAINING

Flávia Rodrigues Groto<sup>1</sup>

Fernanda Cristina Subires Garcia<sup>2</sup>

Lucas Scaravelli da Silva<sup>3</sup>

1 Graduada do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas na Faculdade Sesi de Educação.

2 Mestre em Ciências Sociais (UNESP). Supervisora de pós-graduação da Faculdade Sesi.

3 Doutorando em Antropologia Social (USP). Docente do curso de Licenciatura em Ciências Humanas – Faculdade Sesi de Educação.

## RESUMO

Este relato de experiência narra a trajetória escolar de uma professora-em-formação da Faculdade SESI de Educação, mulher negra e periférica, que apesar de todas as dificuldades enfrentadas, encontra professoras e professores que transformaram sua trajetória, construindo-se como professora engajada e reconhecendo o espaço acadêmico, antes visto como hostil, como um espaço de possibilidades de fruição dos seus múltiplos saberes. Além disso, o relato traz a importância do afeto na relação pro-

fessor-estudante e a importância da construção de uma pedagogia engajada baseada na obra *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (2013), de bell hooks. Por fim e centralmente, reconhece a metodologia da “escrevivência”, de Conceição Evaristo, como forma por excelência de narrar experiências e provocar denúncias, ainda que da maneira mais “poética possível”.

**PALAVRAS-CHAVE** Escrevivência; Pedagogia-Engajada; Professor-Estudante.

## ABSTRACT

This experience report narrates the school trajectory of a teacher-in-training at the SESI College of Education, a black and peripheral woman, who despite all the difficulties faced, meets teachers who will change her trajectory, building herself as an engaged teacher and recognizing the academic space, previously seen as hostile, as a space of possibilities for enjoying its multiple knowledge. Furthermore, the report highlights the importance of affection in the teacher-student relationship and the importance of building an engaged pedagogy based on the work *Teaching to transgress: education as a practice of freedom* (2013) by bell hooks. Finally

and centrally, it recognizes the methodology of Writing, by Conceição Evaristo, as a way par excellence of narrating experiences and provoking complaints, even in the most “poetic way possible”.

**KEYWORDS** experience; engaged-pedagogy; teacher-student.

“ *A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.*

Conceição Evaristo

## INTRODUÇÃO

O processo de formação da identidade se constitui, *a priori*, pela autoidentificação definida como o reconhecimento da própria existência humana que, diante da coletividade social, possui singularidades e subjetividades construídas por distintas e diversas *possibilidades da humanidade-em-si*, mesmo dentro de uma cultura padrão, em nosso caso, normatizada pela colonialidade que reforça gênero, raça e classe específicos como modelos referenciais de humanidade (Gonzalez, 1984).

Na busca do reconhecimento fora da normatividade imposta, enquanto corpos que divergem e, por isso também, são diversos, optamos pelo caminho da “escrevivência”, como ensina Conceição Evaristo (2022). Pretendemos construir coletivamente uma narrativa de existência baseada na proposta literária de *falar-de-si*, narrativa a qual se inscreve e é permeada pela coletividade subjetiva e objetiva de quem narra, de seus antepassados diretos e também de todos e todas que vivenciaram a mesma experiência enquanto pertencente à mesma raça, ao mesmo gênero ou à mesma classe. Combinada à escrevivência, reforçamos a importância do “contar a história a contrapelo” proposta por Walter Benjamin (1985), que afirma a necessidade de narrar a história dos *vencidos* – ouvir e recontar a história do ponto de vista dos vencidos (os es-

quecidos da *grande* Historiografia), assim, transformando *derrotas* em redenção e compreensão das lutas.

A união dessas duas propostas metodológicas – escrevivência e história a contrapelo – nos são caras quando o objetivo é a reconstrução real das narrativas como forma de saudar todos os antepassados, proposta tal sintetizada no trabalho do pensador malinês Amadou Hampâté Bâ (2010) no que concerne à seriedade de transcreever o que discursamos enquanto vivências com o compromisso de que essa narrativa não se perca na oficialidade normativa dos documentos, mas que se inscreva como ferramenta de salvaguarda para que todos os *vencidos* possam se sentir amparados na escrevivência como forma de superação da condição subalternizada.

Esse relato de experiência tem como centralidade narrar a trajetória escolar de uma estudante que – em sua negritude e gênero – nunca abandona o horizonte da educação e reconhece o papel transformador dos professores na sua jornada. Entre tantas vivências, compartilha a orientação de iniciação científica e a construção e fundação de um grupo de estudos sobre a interseccionalidade e, ao vivenciar o discurso social e a narrativa inclusiva de uma professora, se viu impactada no pensar a repercussão e importância de sua existência nesse espaço compartilhado, revivendo me-

mórias ao exercitar a escrevivência e, assim, registrando aos próximos a ocupação devida e de vida.

Alicerçados – como já descrito anteriormente – na metodologia de escrita ancestral doravante denominada “escrevivência”, como pretende assim sua criadora, a literata negra Conceição Evaristo (2005), evocam-se nossas ancestralidades nos seus mais profundos ensinamentos de expressão coletiva de sentimentos que nunca (ou pouco) puderam ser expressos: processos geracionais da fecundação de vidas que carregam dores, sabores e dissabores, frustrações e breves conquistas. Posso eu não ter vivido tal qual meu ancestral comum, mas, ain-

da assim: sinto, vejo e escrevo o que vejo e tenho como vivência a oportunidade de escrever e ver pela voz, olhos e ouvidos daqueles que eram emudecidos e, agora mais que nunca, compor uma canção que seja alta e uníssona ao ponto de seus timbres agudos balançarem toda a estrutura patriarcal, racista, misógina e lgbtqi-fóbica da casa grande – através da trajetória de luta da professora-em-formação/estudante negra e periférica, história essa com muitas dores, mas também, de tantos bons encontros e lutas que reafirmam o papel transformador que professores engajados têm na vida dos estudantes.

## MÚLTIPLAS VIOLÊNCIAS VIVIDAS POR CRIANÇAS NEGRAS NA ESCOLA

Na investigação conduzida pelas pesquisadoras Vilma Aparecida de Pinho e Suelen Lima dos Santos em uma escola infantil no município de Altamira (Pará) no ano de 2012, são trabalhados aspectos gerais dos descumprimentos das Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, MEC/SEB, 2010). Elas descrevem desde a negligência com os aspectos estruturais arquitetônicos da escola e o trabalho dos conteúdos pelos professores em sala de aula até o que nos interessa aqui: a presença do racismo estrutural no conjunto da vida escolar – as imagens de comunicação da escola apenas com crian-

ças brancas; o isolamento de uma estudante negra que nunca era chamada para as brincadeiras coletivas; estudantes brancos com falas racistas e a omissão da professora sobre isso; as bonecas pretas levadas pelas pesquisadoras, que geraram reações de nojo em algumas crianças. As pesquisadoras reforçam a teoria de que a branquitude já é proprietária da identidade referenciada positivamente pela sociedade (Souza, 1983) e concluem que a ausência da valorização da diversidade na escola não contribui para uma educação transformadora – se o estudante não se vê naquele espaço e não é reconhecido,

há graves prejuízos para seu processo de aprendizagem.

Danielle Scholz, Marta Silveira e Paulo Silveira (2014) elaboram uma revisão bibliográfica que evidencia práticas racistas no espaço escolar e sua relação com a saúde mental das crianças negras. Destacamos dois pontos que nos foram centrais para a construção deste Relato de Experiência: a) o tratamento diferenciado no que diz respeito ao afeto por parte dos professores em relação às crianças negras e brancas (Ferreira; Camargo, 2011); e b) a importância central do professor no combate ao racismo e na missão de desmistificar as ideias falsas cristalizadas no imaginário de toda a população em relação às pessoas negras (Valente, 2005).

Destacamos a importância da obra *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (2013), de bell hooks, uma obra construída pela interseccionalidade: não elenca uma questão social como mais importante que outra, mas sim,

na forma como uma interfere e amplia as explorações de raça, gênero e classe, pautada na crítica profunda aos sistemas de opressão e na constante busca por uma pedagogia anticolonialista em que o principal objetivo está em reconhecer possíveis práticas pedagógicas libertadoras, ao mesmo tempo em que denuncia práticas pedagógicas opressoras.

bell hooks revela em sua obra a importância de um professor engajado: mergulhado em uma pedagogia que questiona os sistemas de dominação, mas também, legitima o lugar da Teoria como um espaço de *cura* e promove a construção de uma relação saudável, consciente e segura entre professores e estudantes. São esses elementos que enxergamos no relato abaixo, que narra a trajetória da estudante referenciada na introdução deste texto. Optamos pela escrita em primeira pessoa para reforçar a trajetória da estudante e a opção metodológica pela escrevivência.

## REFLEXÕES INICIAIS

Ser *professora-em-formação* me obriga a constantes reflexões e recuperação de memórias. Lembranças se misturam com aprendizagens e os tantos caminhos que se cruzam: assim é essa trajetória que, enquanto se escreve, também se reescreve, se remodela e se transforma.

Durante a graduação, fui surpreendida pela obra *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, de bell hooks. Ao mesmo tempo em que gostei da ousadia do título, senti temor. Afinal sempre fui lida como uma pessoa *transgressora* durante minha juventude e, por ain-

da não compreender o significado (e ressignificação) da palavra transformada em conceito, tendi ao engano e ilusão do pré-conceito e do caráter negativo que a palavra *transgressora* sempre me remeteu. Por isso, permiti que o título do livro e sua capa se tornassem uma *fanfic* (como diriam meus alunos do 6º ano), mas o cami-

nho desafiador da formação acadêmica nos traz maturidade e nos ensina o caminho da racionalidade, caminho por vezes tortuoso e que nos arranca da zona de conforto. Assim, apenas conhecendo a obra toda pude entender o seu real objetivo e o significado maravilhoso de transgredir.

## ENSINO BÁSICO: VIOLÊNCIAS E PROTEÇÃO

Poucas são as lembranças dos meus primeiros anos escolares. Nos meses de verão, me recordo das professoras com seus ventiladores de pedestal caminhando entre as latarias das paredes (sim, estudei em escola *de lata*); já durante o inverno, me recordo de suas mãos congelando quando escreviam as palavras no quadro e as minhas pequenas mãos também congelando enquanto escrevia as primeiras palavras e aprendia os conjuntos silábicos. O Fundamental II foi o período de *troca de escolas* – afinal, o meu caminho da educação se entrelaçava com a luta por moradia –, mas entres tantas escolas, cheguei naquela que seria marcada por traumas e experiências que hoje entendo que, ressignificadas, me permitem ser uma professora engajada pela educação radicalmente igualitária.

Entre idas e vindas durante o Fundamental II e o Ensino Médio em uma escola localizada na cidade de Osasco, vivenciei uma experiência que mis-

turava conhecimentos, violências, medos, angústias e relações que mudariam o percurso da minha vida para sempre. Jamais em minha adolescência pensei que seria possível ser professora, não porque não tinha em mim a ambição de *ser alguém*, mas sim, porque via meus professores como heróis, pessoas sobrenaturais tomadas de tanto conhecimento e tão *intelectuais* – o que na minha realidade se tornava algo tão distante e inalcançável –, o que era muito para mim.

Por muito tempo, a preocupação de permanência escolar estava atrelada a um espaço ao qual minha mãe confiava a vida de suas filhas; como uma redoma de segurança, um sopro de alívio aos pais que criam seus filhos em comunidades violentas, minha mãe sentia que estávamos seguras na escola. Mas não era assim que eu enxergava aquele espaço; meu desejo era que aquilo acabasse logo para que eu, enfim, tivesse a chance de conseguir um emprego.

## PROFESSOR RODRIGUES E O MILAGRE DA FANFARRA

Não sou especialista em gestão escolar, mas lembro da sensação de injustiça que me acometia: por que algumas turmas – A e B, mais precisamente – eram formadas por alunos *mais aplicados*, ligados a projetos extracurriculares? Era real aquela discrepância entre as turmas? Isso me faz lembrar do Jose Sebastião Rodrigues, mais conhecido com professor Rodrigues, o grande Mestre. Eu olhava aquele homem e pensava “ter aula com ele deve ser diferente”. Não sei se há ligação (provavelmente sim), mas ele sempre lecionava para as turmas de letras A e B, enquanto eu comumente estava na D – assim, já que eu era conhecida por ser transgressora, transgredi mesmo: comecei a assistir às aulas dele com outras turmas e cabulava as minhas aulas. No começo, ele me tirava da sala, mas com o tempo passou a fingir que não me via. Assim foi por quase dois semestres, até que um dia, estando eu na parte de trás da escola, voltando de uma suspensão de sete dias, o grande Mestre se mostrou audacioso. Foi até lá onde eu estava, colocou a turma que estava comigo para correr e me deu uma missão: fazer parte da fanfarra marcial da escola, afirmando que meu lugar era dentro dos muros da escola e não fora, e mesmo que aquela escola soasse como uma prisão, era a melhor escolha naquele momento, melhor do que meu futuro do lado de fora. Aceitei.

No começo, foi difícil entender o quanto aquilo mudaria minha história, até porque passou mais de uma década para que eu pudesse realmente compreender os significados daquele evento. Aprendi a cuidar do meu instrumento; passei a dormir cedo nas sextas-feiras, pois os ensaios eram às oito horas da manhã dos sábados; precisei estudar para entender a importância de desfilar e, com isso, conheci várias culturas, principalmente as do meu país (mesmo sem nunca ter saído do meu estado). Durante anos depois de concluir o Ensino Médio, assistia aos desfiles, no começo porque eu acreditava que precisava estar conectada com algo que me fazia sentir, ao menos um pouco, próxima do *conhecimento*. A verdade, porém, é que ia até lá observar e admirar aquele professor salvando vidas; parece exagero, mas era isso mesmo: salvando jovens, ensinando dentro e fora da sala com tanto cuidado, entregando lanches, arrumando os uniformes, fazendo de sua garagem uma oficina de instrumentos, escrevendo alunos em cursos, ajudando a tirar seus documentos, ensinado o verdadeiro papel de cidadania e do amor, comprando livros caros para emprestar aos alunos ao invés de guardar dinheiro e comprar um carro para ele, fazendo dos meninos e das meninas da periferia verdadeiros cidadãos, deputados mirins, ensinando sobre direito à dignidade e à igualdade.

## SENHOR FU E O CURSO TÉCNICO (E AS MORTES NA MINHA COMUNIDADE)

Distante de uma sala de aula por doze anos, me pego questionando: como posso ajudar minha comunidade? Eu via meus amigos morrerem antes de completarem trinta anos, vítimas da violência. Acompanhava as rezas e orações de mães que agradeciam diariamente por, daquela vez, não ser do seu filho aquele corpo, mas chorando e dizendo: que também perdem quando qualquer uma delas perde o filho.

Em meio a tanta violência, não consigo apenas rezar; vou às ruas gritar por justiça, vejo amigos sendo presos por participarem de manifestações, mães sendo humilhadas. Não passava sequer uma semana sem um enterro na nossa comunidade, e é aí que eu decido voltar a estudar e fazer um técnico na ETEC CEPAM. Estava bem *atrasada* intelectualmente, mas não desisti e, mais uma vez, por conta de um professor que apostou em mim: Fu Kei Lin. Porém, antes de falar dele (a quem serei eternamente grata), me recordo de outro professor (de quem infelizmente não lembro o nome), mas que foi curto e grosso ao me dizer que eu era como uma casquinha de sorvete, mas que tinha um filé mignon den-

tro: a casquinha não serve para nada, mas se eu fosse lapidada eu faria aparecer um grandioso intelecto.

Voltando ao Senhor Fu e à possibilidade que a educação oferece à transformação de vidas, é bom refletir que essa pode não se tratar da entrada para o paraíso, mas talvez seja uma saída do inferno, de infernos reais – e assim foi minha experiência com o professor Fu. Ele, muito sábio e generoso. Em momentos que eu me sentia completamente perdida, sobrevivendo dentro daquela comunidade de luto constante por suas dezenas de jovens assassinados, o Senhor Fu me trazia calma e afeto e me fazia acreditar que era possível concluir aquela etapa na minha formação. Lembro que me fez participar de um teste vocacional e, adivinha o resultado? E-D-U-C-A-D-O-R-A! Achei tão ousado aquele resultado, mas eu não acreditava nessa possibilidade. Ao mestre Fu sinto gratidão por ter digitalizado o meu TCC, pois não tinha acesso à internet e tive que escrevê-lo à mão, por editar o meu vídeo e tudo o mais. Obrigada por não ter desistido de mim (ainda que eu mesma quisesse fazê-lo).

## FACULDADE SESI E A PROFESSORA-NEGRA-E-PERIFÉRICA-EM-FORMAÇÃO

Depois de dois anos da conclusão do meu curso técnico, me pego sonhando nas esteiras de uma indús-

tria, me perco nesse sonho de voltar a estudar e me inscrevo para uma vaga remanescente da Faculdade SESI de



Educação. Conto às minhas colegas de trabalho; algumas entortam a cara, outras ficam na torcida por mim, mas uma, em especial, diz que é melhor eu me dedicar às esteiras, pois já é muito ser da periferia e conseguir um emprego na indústria, que eu deveria era aproveitar a oportunidade e fazer um curso de empilhadeira para seguir carreira na indústria.

O dia da minha entrevista para entrar na faculdade foi aquele dia típico de alguém da classe trabalhadora: acordei às 3h40 da manhã, entrei na indústria que trabalhava às 5h40 da e logo estava correndo contra o tempo; afinal, eu precisava concluir a demanda do dia para que eu pudesse pedir uma saída com alguns minutos mais cedo e me dirigir para a entrevista. Assim foi. Fui correndo para ponto de ônibus e não tive tempo nem de tirar o uniforme, muito menos de lavar o rosto que estava coberto de poeira. Senti tanta vergonha, mas só assim para chegar no horário exigido na Faculdade. Lá, me senti deslocada. Comigo estavam várias pessoas jovens, que pareciam tão sabidas e com tempo para se dedicar aos estudos e viver tudo aquilo. Mas eu sabia porque eu estava lá e da minha grande missão: no meu caso, aquela vaga não era apenas porque eu queria, mas porque eu necessitava – um velho amigo me disse que se eu quisesse mesmo fazer algo pelos meus, pela periferia e pela juventude, só conseguiria através da educação, e, com isso em mente fiz minha

entrevista. Não pensei muito para defender aquela tão desejada vaga; falei sobre o poeta Sérgio Vaz, falei da rede de proteção e resistência contra genocídio negro e também sobre o sarau dos militantes, e fui aprovada – mais uma vez, a educação me dá uma chance; gratidão às duas docentes que me aprovaram. Agora, posso dizer sou uma professora em formação e uma estudante universitária!

Comemorações acontecem, minha família se enche de orgulho, mas na vida de alguns, como é a minha, a comemoração por tantas vezes é adiada ou questionada. Afinal, é difícil entender o quão se é realmente merecedor de algo, que é possível coisas boas acontecerem e que todos têm direito às alegrias da vida. As aulas começam e eu fico feliz e empolgada, mas com exatamente um mês de aula é decretado o *lockdown* – não tinha mais aula presencial e meu trabalho não me permitiu ficar em casa. Assim, como muitos brasileiros, tive que ir para a rua trabalhar e me arriscar, na tentativa de conciliar o trabalho com as aulas remotas. Minha breve comemoração partiu-se em lâminas afiadas: não consigo acompanhar meus colegas, o acesso à internet demorou a chegar, mesmo a faculdade disponibilizando um *notebook*, tenho dificuldades em compreender os textos, meus colegas também tentando sobreviver no caos e, com isso, as relações foram distanciadas e já não dava mais! Eu não conseguia mais!

Lembro-me com muita dor do dia que precisei trancar o curso. Eu chorava tanto que o funcionário da secretaria perguntou se eu precisava de um copo de água com açúcar. Aquela dor não era só minha. Estando na faculdade, eu carregava a esperança de muitos que, ao me ver, também se viam dentro daquele espaço. Minha mãe não permitiu que eu contasse a ninguém sobre o trancamento – ela amava dizer que a filha dela estava na faculdade, se enchia de orgulho ao mostrar para a patroa pelo vidro da sala que ela limpava a faculdade em que a filha estudava. Engraçado como a vida se apresenta: minha mãe é diarista e uma das casas na qual ela presta serviço fica na rua da faculdade.

Enquanto escrevo e (re)vivo tudo isso, travo. Julgava que escrever sobre esse período fosse o menos doloroso, mas não. Passo a refletir sobre o *ser grata*. Quando ao longo de uma vida toda você precisa dizer que é grata até mesmo quando passa por mais um *dia de cão*, quando está tão acostumada a se sabotar, porque aprendeu que essa história de que o *sol nasce para todos* é a mais pura falácia, que a farsa da meritocracia não faz sentido na minha história. Choro e sinto raiva, mas também gratidão, a gratidão verdadeira, e não a subserviente.

Quando iniciei a faculdade, me deparei com grandes mestres e mestras, mas ainda me via distante daquela realidade. Recordo-me que, entre os primeiros trabalhos, ouvi

em um deles que se eu continuasse com minhas escritas e minha realidade fora daquele espaço, seria só um meio de confirmação que não me levaria à conclusão do processo formativo. Eu passava a duvidar que pudesse ser possível continuar lá. Aquele lugar não dava conta da minha existência. E com a chegada da pandemia e a falta de acesso à internet, decidi que realmente não fazia sentido estar ali. Aos prantos, assinei o trancamento da matrícula.

Sou a primeira de minhas irmãs que chegou ao Ensino Superior, pois somos da linhagem de prestação de serviços (diaristas, faxineiras) – ao descobrir que eu tinha tomado essa decisão, minha mãe não aceitou que alguém soubesse.

Quando cheguei na faculdade, nos primeiros dias antes da pandemia, Fernanda Subires era professora de uma das unidades curriculares – mulher branca, mãe solo, e com tanto entusiasmo em suas aulas que mexia comigo. Ela não só corrigia meus trabalhos para a unidade curricular dela, mas também para as unidades curriculares dos outros professores, e como conseguia me ensinar com tanto esforço e carinho, cheguei a pensar se eu seria seu ato de caridade (gratidão subserviente) – afinal, de onde vim, somos unidos nós por nós, e quando alguém de fora aparece é para reforçar que minha existência é menor – mas não! Ela era diferente. Ensinou-me o silêncio

intelectual e até como eu deveria ler um texto, e me lembrava o quanto eu era inteligente, e que aquilo que ela fazia não era favor nenhum, e sim, obrigação dela enquanto professora.

Quando decidi trancar, a professora Fernanda me ligava, me mandava mensagens. Ali eu vi que ela verdadeiramente acreditava em mim, quando nem eu mesma tinha essa visão. Ali, vi o sentido da educação e como eu queria tratar meus alunos, como eu queria ser. Um ano depois, eu estava novamente matriculada, sentada na primeira fileira, com meus cadernos, e entendendo que com o amor de uma professora se faz outra professora. Ela me aguardou, me fez sentir que aquele espaço era meu, que ele me pertencia. Descobri

com isso que se algum aluno meu se perder ou deixar de acreditar em si mesmo, serei eu a sua fonte de fé e acreditarei sempre em cada um.

E assim retracei minha trajetória, ajudei a fundar o Grupo de Estudos Amefricanidades – ou melhor, me aquilombei junto com meu mestre, professor Lucas Scaravelli. Pertencer ao grupo me trouxe a certeza de que o espaço acadêmico era o meu espaço; por muitas vezes, espaço que me fazia sentir como uma intrusa sempre tomada pela síndrome da impostora, mas no grupo me vi com meus pares, com corpos e intelectualidades tão próximos a mim (não narrarei sobre cada alma que me atravessa a cada troca do grupo, pois me estenderia sem fim nesta escrevivência).

## EU, PROFESSORA!

Aos meus alunos: sou professora antes mesmo de saber do que isso se trata. No projeto em que fui fundadora na minha comunidade, o “Canto Íris”, eu já fazia leitura para crianças, arrecadava materiais escolares para doar, ensinava meus vizinhos a ler suas contas e receitas culinárias e, em troca, eles me tornavam professora.

Na Residência Educacional, espinha dorsal da Faculdade SESI, me deparei com a sala de aula e, por um bom tempo, era a aluna dos professores que acompanhava, realizando a mesma tarefa que era passada aos

estudantes. Mas, com o tempo, meu papel se transformou: passei a ajudar os professores e a ter mais contato com os estudantes. Ali, a mulher que não sabia se chegaria a concluir o Ensino Superior garantia seu retorno para a periferia oferecendo um ensino de qualidade acompanhado de muito afeto, sim, pois sem afeto não existe educação transformadora.

Com o tempo, escutava cada vez mais pelos corredores “Oi, professora!”. De início, foi muito estranho, mas hoje, quando escuto “oi, professora”, meu coração se enche de alegria. Sou

fruto dos meus professores, cuja história se fez história em mim! E hoje ajudo na história dos meus estudantes.

Atualmente, acompanho os 6º anos na rede SESI e cada estudante me faz sentir as alegrias do chão da sala de aula, me mostra que a edu-

cação se faz na união de disciplina e afeto. Me liberto das amarras de achar que só dominando teorias alguém se torna professora, mas sou um ser em eterno processo de transformação, entre ensinar e aprender, entre o dizer e o escutar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grande poeta Sérgio Vaz, em sua entrevista ao *podcast As Ideias*, falava de esperança e resistência e citou a Faculdade SESI no dia em que esteve lá. Espalhou por aí o que ele viu aqui: um pessoal incrível, que o encantou, todos “atrás de conhecimento”, e ele dizia “a gente precisa valorizar quem tá correndo atrás”. Heróis e heroínas. Lugar de acolhimento. Encantamos um poeta: que permanecemos a escrever.

Muito mais do que a criticidade, ponderamos a necessidade de visualizar como é necessário a “escrivência” como metodologia para entender melhor o sentimento de pertencimento como a ponta de lança das expectativas socioemocionais a serem trabalhadas e divulgadas nas atividades educacionais, Isso porque é justamente ele quem denota todas, ou grande parte, das contradições conflituosas que são recebidas no ambiente escolar e impulsionadas no (por vezes árido e restrito) chão de sala.

Percebam que essa voz coletiva e ancestral de escre-viver é uma forma de cancionar para acordar contra todas as opressões estruturais e estruturantes das quais a escola ainda é reprodutora. De forma alguma aqui a coletividade, no seu exercício como confrontadora da opressão, deseja também reproduzir a opressão recebida. Queremos diálogo, resoluções e, acima de todas as intenções, não mais a harmonia pacificadora utópica da educação, mas a que é verdadeiramente possível.

Sou o fruto de grandes Mestres, sou fruto de Fernanda Subires, sou fruto de Lucas Scaravelli, sou fruto de Rodrigues, sou fruto de João Frutuoso, sou cria de Claudineia Rodrigues e, por fim, sou cria da favela.

## ■ REFERÊNCIAS

BÂ, HAMPATÉ A. A Tradição viva. In: **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. Unesco. Brasília, 2010.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas 1**. Magia e técnica, arte e política. São Paulo. Brasiliense, 1985.

EVARISTO, Conceição. Da Grafia-Desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. **Revista Z Cultural do Programa Avançado de Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, ano 15, v. 3, 2005.

EVARISTO, Conceição. Se avançamos foi dando murro em faca de ponta. **Cadernos de Igualdade Racial**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2022.

FERREIRA, Ricardo Franklin; CAMARGO, Amilton Carlos. As relações cotidianas e a construção da identidade negra. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 2, 2011.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo WMF Martins Fontes, 2013.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.

PINHO, Vilma Aparecida de; SANTOS, Suelen Lima dos. Um estudo sobre crianças negras no contexto da educação infantil. **Revista Faculdade de Educação (UFMS)**, v. 22, ano 12, n. 2, p. 81-94, jul.-dez. 2014.

SCHOLZ, Danielle; SILVEIRA, Marta; SILVEIRA, Paulo. As práticas racistas no espaço escolar: a influência na saúde mental das crianças negras. **Revista Identidade!**, São Leopoldo,

v. 19, n. 2, p. 61-74, jul.-dez. 2014.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

VALENTE, Ana Lúcia. Ação afirmativa, relações raciais e educação básica. **Revista Brasileira de Educação**, n. 28, 2005.